

# Henrique Monteiro



## OS DIAS QUE ME OCORREM

### DE REPENTE

O mundo muda aos solavancos. Ainda há pouco pensaríamos que caminhávamos alegremente para uma nova normalidade, com mais teletrabalho, com a tecnologia civil a dominar as nossas relações e com a China como principal ameaça. Ora bastou um senhor do Kremlin decidir o inimaginável e invadir um país soberano europeu, cuja existência e fronteiras eram internacionalmente aceites, para o futuro mudar de repente. Agora estamos suspensos em saber o que vai fazer Putin. Algo que ninguém sabe, provavelmente nem ele.

### ZELENSKY

Volodymyr Olexandrovytch Zelensky era um ator cómico que, de repente, após uma primeira volta eleitoral renhida, se tornou Presidente da Ucrânia. Quase ninguém (exceto especialistas) o conhecia. Hoje é a cara da resistência da liberdade e do Ocidente. Alguém que o acaso e as decisões de Putin elevou a uma espécie de Churchill do Leste. Também ele promete lutar rua a rua, vila a vila, cidade a cidade, sem nunca se render. O que daria Putin para lá ter um daqueles políticos mais comuns no resto da Europa: timoratos, pouco convictos.

### O POVO

Que a democracia é o regime do povo, apesar de todos os defeitos que os políticos possam ter, ficou bem demonstrado. Quem, no Estádio da Luz, viu milhares de pessoas contra Putin a aplaudir um jogador ucraniano; quem viu as bandeiras no Porto e em Alvalade ou as manifestações em tantas cidades de Portugal e da Europa percebeu bem que qualquer complacência com os agressores seria intolerável. O nível das sanções económicas, desportivas e de outra índole contra a Rússia, Putin e os seus oligarcas surpreendeu o líder russo e muito mais gente.

### O ENTERRO

Manuel Carvalho, diretor do "Público", escreveu — e bem — que o enterro do PCP deu-se quando o partido recusou condenar a Rússia pela invasão da Ucrânia. Por muita gente que os comunistas ponham a protestar contra o capitalismo e o Governo, já se sabe o que os espera. Todos viram e sentiram. E aqueles que diziam, a propósito da 'geringonça', que não havia problema nenhum em existir no Governo partidos contra a NATO, olhem para Espanha ou imaginem o Governo a depender deles. Sua uma vergonha!

### JÁ PERDEU

Yuval Harari, autor do best-seller "Sapiens", explica porque Putin perdeu a guerra. Pode chegar a toda a Ucrânia, o problema é manter um país que se cimeta contra ele, liderado por um homem simples, popular e corajoso. Pelo meio, o líder russo tornou-se a si, e ao seu país enquanto o comandar, um pária internacional.

### COVID

Foi há dois anos. Uma doença terrível. Ficámos em casa, morreram muitas pessoas, tomámos medidas. Prometemos várias coisas. Com esta ameaça, alguém se lembra do aniversário?

### COISAS

Voto dos emigrantes, composição do Governo, etc. Já ninguém quer saber. De repente... tudo muda!

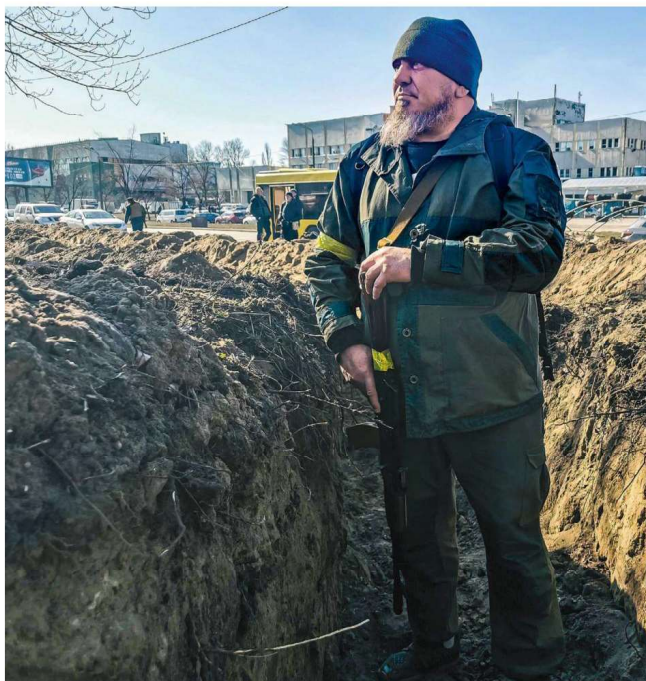


FOTO DAPHNE ROUSSEAU/IFRVA GETTY IMAGES

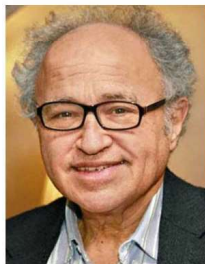
## DA MORAL NUMA GUERRA SUJA

Numa intervenção televisiva em que participei, a propósito da guerra na Ucrânia, um militar presente afirmou que não valia a pena discutir a moral numa guerra. Na altura, não rebati — até porque fazê-lo nos desviaria dos pontos em que concordávamos —, mas discordei. Do meu ponto de vista, seja por formação, seja por que razão for, a moral é um dos pontos essenciais para avaliar e compreender uma guerra.

Uma das coisas que me incomoda, em certas análises que têm sido feitas à invasão da Ucrânia, é o relativo desprezimento com que se fala do ataque; como se fossem jogos de guerra ou simples manobras para justificar ou infirmar teses de uma Academia Militar. É imperioso perceber que há gente a sofrer e a morrer e que, se os soldados e a população russa não são responsáveis pela desumanidade dos seus líderes, os oficiais do exército russo têm capacidade para discernir o bem do mal; para aceitarem ou recusarem ordens. Essa foi uma das questões que se pôs depois da II Guerra Mundial e que levou a julgamento mais do que a simples cúpula militar e do Estado, mas também aqueles que no terreno se distinguiram por atos de barbaridade. É bom que o Ocidente avise aqueles convencidos de que apenas cumprem ordens que também eles são responsáveis pelos atos que praticam, nomeadamente quando estes violam totalmente as convenções de guerra. Nesse sentido, o uso de bombas de fragmentação ou de vácuo — proibidas internacionalmente — são, a prazo, um problema para quem ordena o seu uso, mas também para quem, no terreno, as manda usar.

Acresce, a tudo isto, a questão de fundo. Em qualquer guerra há razão e falta dela; há agressores e agredidos. Em quase nenhuma há apenas razão de um lado e total falta de razão do outro, mas nunca se escapa à regra de, num conflito de valores, sabermos hierarquizar a importância daquilo por que nos batemos. Nesta guerra em concreto, Putin mandou invadir um país soberano; não

há relativização histórica ou de outro molde que esconda esta afirmação: um país soberano, reconhecido internacionalmente como tal, com as suas fronteiras delimitadas por tratados internacionais e reconhecidas pela ONU, foi invadido pela Rússia à revelia de todos os acordos, compromissos e promessas que fizera. O ataque baseia-se numa mistificação histórica, que não o justificava mesmo que fosse verdade,



**O uso direto da força para resolver um problema é uma solução tão pobre que apenas crianças pequenas e nações grandes a usam**

David Friedman (1945), escritor, doutorado em Física, professor de Direito, mentor do anarcocapitalismo e filho de Milton Friedman



e tem por alvo não apenas a Ucrânia mas a Europa, o Ocidente e o nosso modo de vida. Não interessa se os tempos correm a favor de tiranos liberais ou se as ideias que defendemos estão em decadência nestes tempos. Recordo o discurso de Péricles, em 430 a.C., de homenagem aos mortos da Guerra do Peloponeso (tal como Tucídides o apresentou): "A nossa constituição política não segue

as leis de outras cidades, antes lhes serve de exemplo. O nosso governo chama-se democracia, porque a administração serve aos interesses da maioria e não de uma minoria."

Acreditar nesta superioridade moral, sem a relativizar, colocando no tabuleiro considerando que a ela não se comparam, é fundamental. A Guerra do Peloponeso foi ganha por Esparta, mas a semente que ficou foi a de Atenas, a do século de Péricles.

Mesmo que, momentaneamente, a derrota se torne realidade, o ideal democrático e liberal não se extingue; por muito que Putin censure cruelmente a informação no seu país (ao ponto de uma mãe estar proibida de dizer que o seu filho faleceu), um dia o povo russo quererá viver como a maioria dos seus vizinhos. Sem constrangimentos. É creio que o mesmo se passará na China e por todo o mundo. A chama da liberdade não se extingue facilmente. O Ocidente — e países como o Japão, a Coreia do Sul, a Austrália e a Nova Zelândia, entre outros, que os líderes russos e chineses desprezam — chegou a um ponto de desenvolvimento que jamais foi conhecido naquelas paragens. Não por o Ocidente contar com mais inteligência ou — como pretendem uns racistas idiotas — serem caucasianos, mas porque o sistema político e de relações sociais desenvolvido nestas paragens permitiu mais iniciativa, mais criatividade, maior descentralização das decisões, menos burocracia e muito maior mobilidade social.

São estes os nossos valores e são estes os valores nesta guerra. Basta ver que a ameaça de Putin se estendeu a países tão pacíficos como a Suécia e a Finlândia; ou que a Suíça quebrou, em parte, a sua ancestral neutralidade. Não pensem que — dure o tempo que durar — esta guerra é algo de somenos. Longe disso: princípio de uma luta global ou apenas episódio desse confronto, a Ucrânia representa, agora, neste momento histórico, a nossa vida e a nossa liberdade. É esta a moral da História e a moral da guerra.

hmonteiroexpresso@gmail.com

## ANTES QUE ME ESQUEÇA



**JUSTAS**  
As justas eram uma forma bastante melhor de resolver

conflitos do que a guerra. Não direi que alguns acontecimentos que designamos como batalhas (por exemplo, a de São Mamede, entre D. Afonso Henriques e a sua mãe) não passaram de justas, como já foi afirmado. No entanto, é tentador... Nas justas, ou torneios, cada um escolhia os seus campeões — um cavaleiro, que devia defrontar outro. Galopavam em sentidos opostos, em pistas separadas por uma divisória, empunhavam uma lança (ou uma espada, ou uma maça) e tentavam atingir o outro. Quem caía (algumas das vezes morto) perdia, claro. A Igreja proibiu estes torneios quando eles se tornaram tão populares que vinha gente de muito longe para os ver. Os recontros podiam ser pelos favores de uma dama (ou pela sua coroa de flores), pela honra ou até como guerras em miniatura. Como se vê, as vantagens eram muitas. Acresce que, tal como o ordálio na justiça, o resultado era visto como a manifestação da vontade de Deus e acatado pelas partes.



### A PALAVRA

Sabe-se que a guerra, apesar dos seus horrores, tem episódios de humor, grandeza e moral inexecidível. Um deles é "le mot

de Cambronne" (a palavra de Cambronne) como eufemismo para certa expressão que não se dizia em público. Aconteceu em Waterloo, depois da vitória da coligação anglo-prussiana sobre Napoleão (1815), e ninguém sabe se é verdade. Mas o imortal Victor Hugo, no seu romance "Os Miseráveis", conta que um general inglês — uns dizem que foi Colville, outros que foi Maitland — se acercou de um grupo de inimigos e lhes disse: "Bravos franceses, rendam-se!" Então, o general Pierre-Jacques Étienne Cambronne fita o inglês e responde apenas: "Merde!" E o escritor conclui estar aqui o verdadeiro vencedor de Waterloo, a batalha perto de Bruxelas que ditou o fim de Napoleão: Cambronne, com aquela palavra tonitruante que ainda ecoa por França (outras fontes afirmam que ele disse: "A guarda morre, mas não se rende! Merde!"). Seja como for, foi um exemplo de resistência.



**ATIREM!**  
Outra grande frase de guerra é: "Disparem primeiro, senhores

ingleses." Foi dita em Fontenoy, em 1745, pelo conde d'Anteroche a Lord Charles Hay, numa batalha da Guerra da Sucessão austríaca, que opôs os franceses à coligação anglo-holandesa-hanoveriana. Parece cavalheirismo, mas disparar primeiro tinha um preço. Durante o tempo que se levava a recarregar a arma, os inimigos disparavam e provocavam bastantes baixas nos que tinham feito fogo em primeiro lugar.